

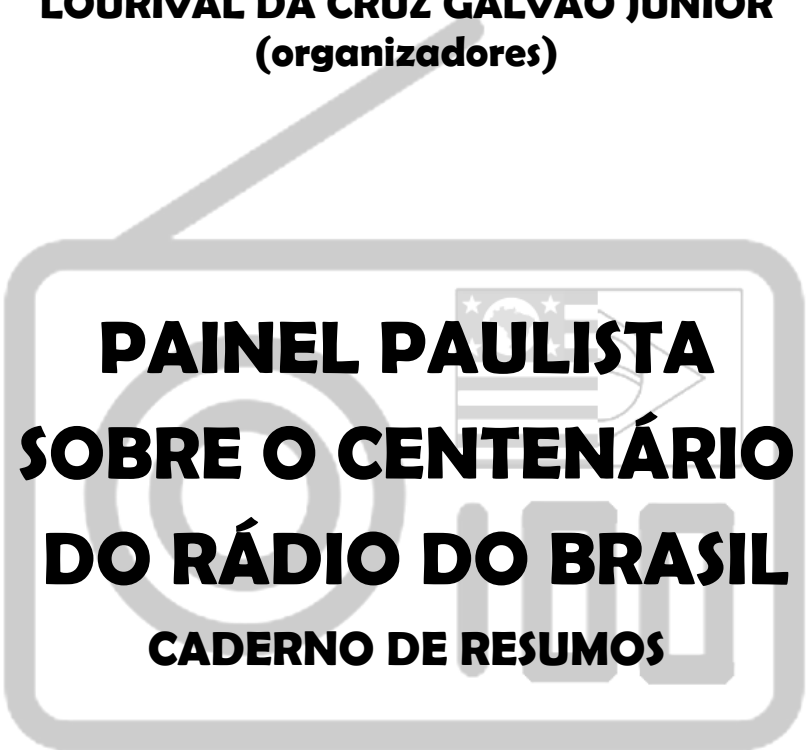
**LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
RAFAEL DUARTE OLIVEIRA VENANCIO
PEDRO SERICO VAZ FILHO
LOURIVAL DA CRUZ GALVÃO JÚNIOR
(organizadores)**



100

**PAINEL PAULISTA
SOBRE O CENTENÁRIO
DO RÁDIO DO BRASIL
CADERNO DE RESUMOS**

**LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
RAFAEL DUARTE OLIVEIRA VENANCIO
PEDRO SERICO VAZ FILHO
LOURIVAL DA CRUZ GALVÃO JÚNIOR
(organizadores)**



**PAINEL PAULISTA
SOBRE O CENTENÁRIO
DO RÁDIO DO BRASIL
CADERNO DE RESUMOS**

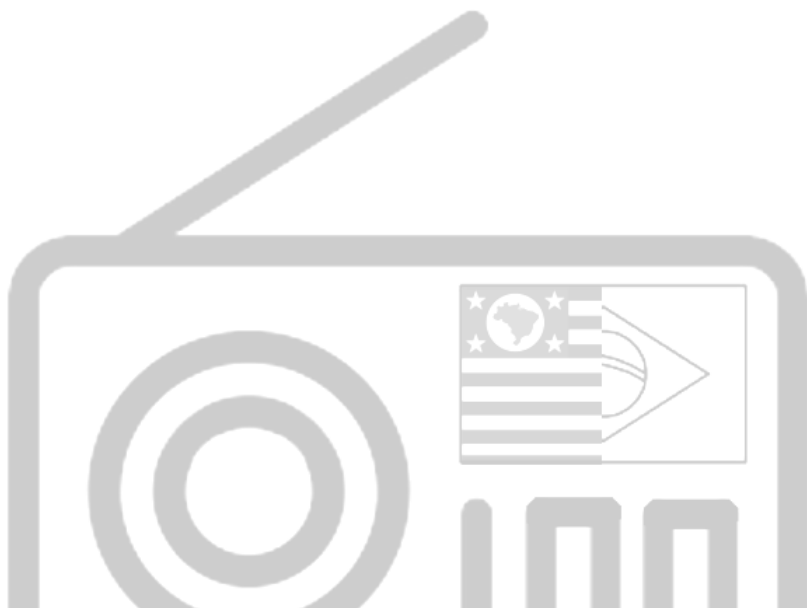
CJE

ECA-USP

2019

Capa: Rafael Duarte Oliveira Venancio

Editoração do caderno: Rafael Duarte Oliveira Venancio



Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

P147

Painel paulista sobre o centenário do rádio no Brasil [recurso eletrônico] : caderno de resumos / Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.] (organizadores) – São Paulo: ECA-USP, 2019.
44 p.

ISBN 978-85-7205-257-3

1. Rádio (meio de comunicação) – Brasil 2. História do rádio – Brasil I. Maluly, Luciano Victor Barros

CDD 23.ed. – 791.440981

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Sumário

Apresentação.....	5
Memórias do radiojornalismo no Brasil: do “Repórter Esso” a Corifeu de Azevedo Marques	9
O rádio de São Paulo – Anos 1920, 1930, 1940 e 1950.....	11
A Divulgação Científica Na Rádio USP	12
Perfis do rádio brasileiro: histórico, tecnologias e informação.....	13
O entretenimento no início do rádio esportivo: Ary Barroso, o speaker da gaitinha	14
O Humor e Os Vínculos Sonoros No Radiojornalismo: O Quadro Buemba!, Buemba, da Bandnews FM	16
Pistas e possibilidades sonoras no radiojornalismo: um aporte sobre a narrativa da radioreportagem para além dos sons das palavras.	18
Ambientes comunicacionais na Copa da Rússia: o caso do boletim No Clima da Copa	19
Podcast storytelling: apropriação do rádio hipermediático.....	20
Rádios livres sorocabanas: o resgate de memórias radiofônicas.....	21
A trajetória do rádio sob a ótica do ouvinte.....	22
O rádio dramatiza a realidade: análise de alguns casos brasileiros .	23
Camaleão sonoro: algumas pontuações sobre a midiamorfose estética da radiofonia no contexto digital.....	24
Rádio universitário paulistano: história e expectativas	25
A influência dos grupos de poder no nascimento do rádio brasileiro: uma perspectiva Giselista.....	26
A Inesquecível: Rádio Nacional do Rio de Janeiro.....	27
Universidade 93,7.....	28

Rádio, Locução e Automobilismo	31
O Repórter Esso no jornalismo brasileiro e paulista	33
Narratividade Radiofônica e Performance Vocal	34
Osmar Santos, novas linguagens e afetos: a contribuição do rádio esportivo de São Paulo na busca da democracia	35
O Cinema no Rádio	36
Certidão de Nascimento da Rádio Clube de Pernambuco	37
Ficção radiofônica esportiva e o storytelling de Estevam Sangirardi	38
A Cultura da Radioarte: um recorte histórico e estético.....	40
O rádio educativo: cem anos de experiências e experimentações que buscam alavancar a cidadania.....	42
O automóvel no seu rádio	43
A Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica e a articulação em rede de rádios populares.....	44

Apresentação

6 de abril de 1919: As ruas de Recife tinham em seu ar mais do que a brisa gostosa de um outono que chegara. Havia algo de eletromagnético no ar. Jovens rapazes pernambucanos faziam experimentos com radiodifusão e radiotelegrafia. Nascia a Rádio Clube de Pernambuco, uma pioneira de uma paixão brasileira pela mídia sonora. Ouvimos de tudo: sons de amor, dor, fulgor e até mesmo o grito de gol.

30 de abril de 2019: Professores, profissionais e pesquisadores de rádio participaram do Painel Paulista sobre o Centenário do Rádio no Brasil, promovido no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (CJE-ECA/USP). O evento, realizado no Auditório Freitas Nobre, discutiu não só a trajetória, mas também o atual panorama e as perspectivas do rádio para os próximos anos.

A palestra de abertura buscou no passado a origem nordestina do rádio brasileiro. Certidão de nascimento da Rádio Clube de Pernambuco foi o tema tratado pelo professor Pedro Serico Vaz Filho, da Universidade Anhembi Morumbi, que, em pesquisa de Pós-doutoramento na ECA/USP, investiga a origem da Rádio Clube de Pernambuco, a partir do ano de 1919. Em seguida, outras 25 apresentações ocorreram no encontro, que contou com seis mesas de trabalho. Temáticas distintas referentes ao rádio mobilizaram a atenção daqueles que estavam presentes no auditório ou que assistiram o evento transmitido pela IPTV-USP. Em cada apresentação, os conferencistas destacaram conteúdos que trabalham em sala de aula e em pesquisas que desenvolvem sobre o rádio.

As duas primeiras mesas analisaram o Panorama dos Pioneiros do Rádio no Brasil. As apresentações foram coordenadas por Lourival da Cruz Galvão Júnior, da Universidade de Taubaté (UNITAU) e do centro Universitário Módulo de Caraguatatuba, que abriu a rodada ao tratar da Influência dos grupos de poder no nascimento do rádio brasileiro: uma perspectiva Giselista. O assunto, que também faz parte de pesquisa de Pós-doutoramento na ECA/USP, teve como foco os estudos de Gisela Swetlana Ortriwano, uma das principais pesquisadoras de rádio contemporâneo no Brasil.

Em seguida, o pesquisador Irineu Guerrini Júnior tratou do tema O rádio dramatiza a realidade: análise de alguns casos brasileiro. Já Luciane Ribeiro do Valle, da Universidade de Araraquara (UNIARA), falou sobre A inesquecível Rádio Nacional do Rio de Janeiro, sendo sucedida por Nivaldo Ferraz, da Universidade Cruzeiro do Sul, que analisou O cinema no rádio. Filomena Salemmé, da Faculdade Cásper Líbero, apresentou A trajetória do rádio sob a ótica do ouvinte e Felipe Parra Alves de Oliveira, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom) da ECA/USP, ocupou-se das Rádios livres sorocabanas: o resgate de memórias radiofônicas. As mesas iniciais ainda contaram com a apresentação das pesquisas de Antonio Adami, da Universidade Paulista (UNIP), que falou sobre O rádio de São Paulo – anos 1920,1930, 1940 e 1950; e de Lenize Villaça Cardoso, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e Cultura História da Cultura e docente, ambos na Universidade Presbiteriana Mackenzie, que mostrou seus estudos sobre O rádio universitário paulistano: histórias e perspectivas.

O terceiro painel contou com a coordenação por Marcelo Cardoso, do Centro Universitário Fiam-Faam, que trouxe referências sobre Rádio, locução e automobilismo. A temática seguinte foi de Carlos Henrique de Souza Padeiro, da Universidade Anhembí Morumbi, com

o título O rádio esportivo, o entretenimento no início do rádio esportivo: Ary Barroso, o speaker da gaitinha. José Eugenio Menezes, também da Faculdade Cásper Líbero, expôs a pesquisa desenvolvida pelo orientando dele de mestrado, Elcio Padovez, com o estudo Ambientes comunicacionais na Copa da Rússia: o caso do boletim 'No Clima da Copa'.

A quarta mesa prosseguiu esportiva, com coordenação de Rafael Duarte Oliveira Venâncio, da Universidade Federal de Uberlândia, que iniciou com o tema Ficção radiofônica esportiva e o storytelling de Estevam Sangirardi, seu tema de pós-doutorado em desenvolvimento na ECA-USP. Em seguida, o doutorando pelo PPGCom-ECA-USP, Sergio Robinson Quintanilha, apresentou-se com a pesquisa O automóvel no seu rádio. O encerramento dessa parte ficou a cargo de Marcus Aurélio de Carvalho, apresentador na Rádio MEC da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e professor na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro. Ele resgatou a atuação do locutor/apresentador Osmar Santos, entre Novas linguagens e afetos: a contribuição do rádio esportivo de São Paulo na busca da democracia.

A quinta mesa, enfatizou as múltiplas perspectivas do rádio com a coordenação de Vivian de Oliveira Neves Fernandes, também doutoranda pelo PPGCom-ECA-USP. Ela revelou os resultados iniciais da pesquisa sobre A Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica e a articulação em rede de rádios populares. Neste grupo, Carla de Oliveira Tôzo, também do Centro Universitário Fiam-Faam, falou sobre A Divulgação Científica na Rádio USP". Sérgio Pinheiro da Silva, da Universidade São Judas, trouxe o tema O rádio educativo: cem anos de experiências e experimentações que buscam alavancar a cidadania. Na sequência, Roberto D'Ugo Junior, da Faculdade Cásper Líbero falou sobre A Cultura da Radioarte: um recorte histórico e estético. Encerrando este momento, Marcos Júlio

Sergl, da Faculdade Paulus de Comunicação, fez exposição sobre a Oralidade e sonoridade do rádio a partir dos conceitos de performance local.

A sexta e última mesa contou com a coordenação de Luciano Victor Barros Maluly (ECA-USP), que apresentou os programas Universidade 93,7, que são transmitidos a mais de 10 anos pela Rádio USP. Júlia Lúcia Albano da Silva, da Universidade Santo Amaro (Unisa), detalhou a pesquisa Camaleão Sonoro: algumas pontuações sobre a midiamorfose estética da radiofonia no contexto digital. Depois mais três exposições tiveram sequencia: Carlos Augusto Tavares Junior, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, apresentou os Perfis do rádio brasileiro: histórico, tecnologias e informação; o jornalista Edione Abreu tratou do tema Pistas e possibilidades sonoras no radiojornalismo: um aporte sobre a narrativa da radioreportagem para além dos sons das palavras e o mestrandu da Faculdade Cásper Líbero, Cristiano Fontes Blota, encerrou com o tema: O humor e os vínculos sonoros no radiojornalismo: O quadro Buemba! Buemba!, da BandNews.

O fechamento do Painel Paulista debate o centenário do rádio no Brasil” teve a presença ilustre do Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro, da Escola de Comunicações e Artes da USP, que após ter acompanhado todas as mesas palestrou com falando sobre O rádio ontem e agora. Ele fez comparativos entre os cenários radiofônicos de épocas distintas trazendo as perspectivas radiofônicas e da mídia sonora neste século."

Luciano Victor Barros Maluly

Rafael Duarte Oliveira Venancio

Pedro Serico Vaz Filho

Lourival da Cruz Galvão Junior

Memórias do radiojornalismo no Brasil: do “Repórter Esso” a Corifeu de Azevedo Marques

Rádio é o meio de comunicação presente na minha formação, na infância e na adolescência. Cultura musical popular e clássica, presença religiosa católica, novelas radiofônicas, teatro no rádio, programas sobre livros, humorismo com artistas populares e esportes como o futebol.

E jornalismo no rádio com papel informativo e político em situações de interesse nacional, aglutinando ouvintes nos momentos de dores e alegrias. Eram emissões históricas do “Repórter Esso”; cobrindo todo o território nacional. Criança pude ver a emoção e as lágrimas dos vizinhos com a notícia do suicídio de Getúlio Vargas em 1954. Ou a Cadeia da Legalidade, rede de rádio montada pelo Governador Leonel Brizola em 1961 contra os ministros militares e que garantiu a posse do vice-presidente João Goulart, depois da renúncia do Presidente Jânio Quadros.

Mas minha infância e adolescência foi marcada pelo radiojornalismo de Corifeu de Azevedo Marques do “Grande Jornal Falado Tupi” e do “Matutino Tupi”. Trabalho da cadeia dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Era minha fonte de informação de estrita confiança. Corifeu de Azevedo Marques sempre apresentava sugestões sobre produtos culturais, educacionais e artísticas. E até hoje lembro que foi indicação dele o livro “Maravilhas do Conto de Natal” reunião de textos de grandes escritores de todo o mundo, publicado pela Editora Cultrix. Presente de Natal escolhido aos 10 anos, cuja leitura e releitura ocuparam meus anos até a universidade. A publicação dos volumes escritos por Leôncio Basbaum --História Sincera da

República --, foi anunciada e explicada por Corifeu de Azevedo Marques no “Grande Jornal Falado Tupi” e li na Biblioteca Municipal do Tatuapé, enquanto cursava o curso ginásial e o curso clássico. E vi que Basbaum explicou o processo de 1960-1967 com clareza, sem ter documentos comprobatórios em mãos.

Corifeu de Azevedo Marques merece uma pesquisa acadêmica em profundidade.

A professora Gisela Ortriwano, minha falecida amiga, destacava a imteratividade da rádio. E a influência deste meio continua potente e influente.

"



O rádio de São Paulo – Anos 1920, 1930, 1940 e 1950

Pretendemos em nossa palestra no Painel paulista sobre centenário de nascimento do rádio no Brasil, apresentar um panorama sobre o rádio paulista da capital, litoral e interior, desde os anos 1920 a 1950. Este trabalho é norteado pela pesquisa o Rádio com sotaque paulista, publicado em livro em 2014, fruto de 11 anos de busca e cotejamento de fontes, realização de mais de uma centena de entrevistas, busca de material em rádios e residências de radialistas, produtores, apresentadores, radioatores etc. Analisamos o rádio historicamente como o grande mediador da cultura brasileira, um meio capaz de atravessar o tempo, possibilitando novos desafios criativos e também comerciais nos dias de hoje, com uma história fascinante, que precisa ser contada e, mais do que isso, entendida, particularmente seu papel em momentos dos mais importantes da história brasileira, tais como a Revolução Constitucionalista de 1932, entre outros.

Antonio Adami

A Divulgação Científica Na Rádio USP

Este artigo reflete sobre a divulgação científica feita pela Rádio USP que nasceu em 1977 com a missão de atuar de forma educativa, em especial, através dos programas Diversidade em Ciência e Pesquisa Brasil. O primeiro é um projeto do professor da Escola de Comunicação e Artes Ricardo Alexino, enquanto o segundo é desenvolvido pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo. O interesse em escrever sobre rádio nasce pelas facilidades que o meio oferece na construção/transmissão do conteúdo, ainda mais na questão científica.



Perfis do rádio brasileiro: histórico, tecnologias e informação

Este trabalho pretende apresentar resgates históricos do rádio brasileiro por meio de referências bibliográficas, com o objetivo de discorrer desde os testes experimentais do início da década de 1920, a tecnologia de transmissão sonora por meio do eletromagnetismo contava com a participação das pessoas na construção de transmissores e receptores - "faça você mesmo" - bem como uma aptidão de transmitir informações provenientes de outros meios, como jornais, revistas e telefone. Durante a implantação da televisão, a segmentação no rádio não dependeu do vídeo principalmente com a atuação de radioatores no cinema, por meio das dublagens e da produção de locuções em off de cinejornais.

Carlos Augusto Tavares Junior

O entretenimento no início do rádio esportivo: Ary Barroso, o speaker da gaitinha

A partir da década de 1930, tem início o radiojornalismo esportivo no Brasil. O rádio e o futebol chegaram ao país graças à iniciativa da elite e, naquele momento, interesses em comum os uniam pela popularização. Em 1932, o presidente Getúlio Vargas assinou a lei que permitia a veiculação de publicidade pelo rádio. A nova regulamentação obrigava as emissoras a ampliarem a audiência, para expandir o faturamento com os anúncios de empresas. Em 1933, o futebol brasileiro se profissionalizou e, conseqüentemente, os clubes passaram a almejar um incremento de renda para arcar com os salários dos melhores jogadores. Atingir o maior número possível de pessoas configurou-se como meta para ambos, futebol e rádio. A programação esportiva, majoritariamente voltada para o futebol, despontava como um atrativo para conquistar o público, como relata Edileuza Soares (1994).

Para conquistar a preferência dos ouvintes, despontam profissionais inovadores e criativos, cujas narrações despertam o imaginário do torcedor. Eles transformam a transmissão e a programação voltada para o esporte em entretenimento. Ari Barroso (radialista, compositor, músico e locutor esportivo) é um dos expoentes neste grupo. Reynaldo Tavares (1999, p. 135) o define como “o mais polêmico, o mais carismático de todos” os narradores esportivos. Na biografia *No Tempo de Ari Barroso*, o jornalista e escritor Sérgio Cabral descreve que uma das marcas criadas pelo mineiro da cidade de Ubá foi utilizar uma gaitinha para anunciar os gols durante as narrações de jogos, por isso ficou conhecido como o speaker da

gaitinha. Durante as transmissões, Barroso não conseguia disfarçar seu fanatismo pelo Flamengo. Ele era um artista, o protagonista do espetáculo, e criou um personagem para entreter e promover no rádio os jogos de futebol. Foi um artífice da nascente indústria do entretenimento.

Carlos Henrique de Souza Padeiro



O Humor e Os Vínculos Sonoros No Radiojornalismo: O Quadro Buemba!, Buemba, da Bandnews FM

A proposta deste artigo é investigar os vínculos sonoros em Buemba!, Buemba!, quadro conduzido pelos jornalistas José Simão e Ricardo Boechat na BandNews FM. A coluna diária, no ar há quase 15 anos, consiste em uma análise humorística do noticiário nacional e internacional. O humor se configura, então, como característica essencial do quadro, contribuindo para a criação de um ambiente sonoro de pertencimento – tanto entre os jornalistas quanto com o ouvinte. A partir da premissa de que o som vincula, acredita-se aqui que, embora os envolvidos não estejam (nem precisam estar) no mesmo ambiente, cria-se uma sensação temporária de se estar no mesmo espaço. O objetivo é compreender e caracterizar, então, o ambiente sonoro envolvido no processo de produção de Buemba!, Buemba!, tendo o humor, o riso e a descontração como elementos que podem potencializar relações – e funcionar como uma espécie de “colo acolhedor” para o ouvinte. O estudo será conduzido tanto por meio de pesquisa teórica quanto empírica. Tendo em vista o grande volume de edições, consultaremos e faremos a transcrição na íntegra de três edições do quadro em dias sequenciais: 22, 23 e 24 de junho de 2018, durante a Greve dos Caminhoneiros. O período foi escolhido como recorte por representar um dos principais acontecimentos do ano, envolvendo questões políticas, econômicas, sociais e culturais. O quadro teórico envolve o percurso histórico do radiojornalismo brasileiro, com Ferraretto (2000 e 2014); análises das dimensões do

humor, das “brincadeiras” e do lúdico, com autores como Berger (2017), Cyrulnik (1997) e Huizinga (2005); as considerações de Damaceno & Nishizawa (1999) a respeito do humor como ferramenta de crítica política e social; Flusser (1985) com conceitos “dimensionais” da comunicação, que explicam os efeitos do rádio em espaços físicos distintos; e Baitello (2014) e Menezes (2007 e 2016), que desenvolvem a ideia fundamental de que o som produz laços e espaços comunicacionais em que os corpos são envolvidos com ou sem escolha.



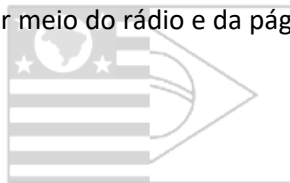
Pistas e possibilidades sonoras no radiojornalismo: um aporte sobre a narrativa da radioreportagem para além dos sons das palavras

A apresentação abordará um estudo sobre as pistas e possibilidades sonoras na composição da narrativa na reportagem do radiojornalismo, por meio da ambientação e estética do áudio. Assim são observados aspectos como o uso da música, dos sons ambientes, efeitos de sonoplastia, do silêncio e entonação da voz como elementos imprescindíveis à expressão do diálogo na reportagem radiojornalística. E ainda inerente aos estudos contemporâneos do rádio e do radiojornalismo o artigo traz uma observação em relação ao cenário de convergência midiática no rádio. Como objeto de pesquisa o estudo analisou a série de reportagem HIV: A vida após o diagnóstico, da rádio CBN de São Paulo, na qual se verifica o emprego de alguns desses artifícios, como por exemplo, a expressividade rítmica da narração radiojornalística e fluidez da trilha sonora. Também foi visto como a emissora vem trabalhando a expansão de conteúdo multiplataforma digital.

Edione Abreu

Ambientes comunicacionais na Copa da Rússia: o caso do boletim No Clima da Copa

Em 2018, viajei à Rússia para terminar minha pesquisa de mestrado sobre os símbolos da cultura russa na construção da Copa do Mundo. Também pude trabalhar na cobertura do evento para alguns veículos brasileiros, como a rádio Gazeta AM, onde criei o boletim No Clima da Copa. Uma vez por dia, gravava um boletim de algum ponto do país, para abordar temas ligados à cultura, o torneio e também, para criar um ambiente comunicacional por meio do rádio e da página do projeto no site da Gazeta FM.



Elcio Padovez

José Eugenio Menezes

Podcast storytelling: apropriação do rádio hipermediático

De abril de 2017 a abril de 2018, o aumento no número médio de ouvintes no mundo inteiro de podcast diários na plataforma foi de 330%. Já no Brasil ainda há muito a se caminhar. pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) em parceria com a rádio CBN , em 2018 79% dos ouvintes de podcast no Brasil fazem esse consumo durante trajetos de locomoção, e 68% durante a realização de tarefas domésticas.pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) em parceria com a rádio CBN , em 2018 79% dos ouvintes de podcast no Brasil fazem esse consumo durante trajetos de locomoção, e 68% durante a realização de tarefas domésticas.Analisar está nova forma e produzir e consumir áudio é fundamental para as emissoras de rádio, a fim de conquistar e renovar o público.

Eloiza de Oliveira Frederico

Rádios livres sorocabanas: o resgate de memórias radiofônicas

Esta pesquisa se dedica em estudar qual era a razão de ser das rádios livres sorocabanas das décadas de 70, 80 e 90 e o posicionamento político de seus realizadores. Para tanto, recorre-se ao uso da história oral temática e de entrevistas semiestruturadas como metodologia de investigação. Justifica-se o estudo ao verificar que os registros acadêmicos acerca das rádios livres sorocabanas são vagos e incompletos. A afirmação ganha relevância ao constatar que alguns artigos científicos tratam aspectos desses meios alternativos de comunicação da cidade de Sorocaba como lendas. As considerações finais desenvolvem a hipótese das livres sorocabanas fazerem rádio para a sociedade sorocabana. Isto é, espalhavam a ideia que qualquer um poderia ter sua própria rádio e divulgar suas ideias. Quanto ao posicionamento político de seus realizadores, há o pressuposto que essas emissoras independentes não estavam atreladas a lutas ou movimentos sociais, mas tinham suas próprias lutas e defendiam o direito de livre expressão por meio das ondas eletromagnéticas.

Felipe Parra

A trajetória do rádio sob a ótica do ouvinte

O trabalho aborda as transformações na escuta radiofônica desde o tempo em que o rádio era um móvel de madeira na sala das residências até quando ele se transformou em um aparelho portátil. Concentra-se no período entre o contexto contemporâneo e a Era de Ouro do rádio, que compreende entre os anos 30 até final dos anos 50 no Brasil e nos Estados Unidos já a partir do início dos anos 20, épocas em que o rádio passou a se popularizar e se tornou a principal fonte de informação e de entretenimento das famílias. O estudo constata ainda a progressiva intervenção do ouvinte na programação das emissoras radiofônicas na medida em que, entre outros fatores, se modificaram os meios de interação entre o ouvinte e as emissoras, desde a carta, passando pelo telefone, e-mail, mensagens de texto até as mídias sociais digitais e, atualmente, o whatsapp. O aplicativo que passou a ser utilizado pelas emissoras a partir de 2014 transformou o ouvinte em gerador de conteúdo.

Filomena Saleme

O rádio dramatiza a realidade: análise de alguns casos brasileiros

O foco deste trabalho está voltado para programas de rádio que dramatizam fatos da realidade contemporânea a esses programas, com uma concentração em algumas obras radiofônicas produzidas no Brasil nas décadas de 1940 a 1970. Tais programas podem ser caracterizados como dramatizações de fatos jornalísticos em geral; de crimes desvendados pela polícia e de programas tipo "consultório sentimental". A metodologia usada inclui a análise de amostra de cada série e uma revisão bibliográfica não apenas de obras que versam sobre rádio mas também, como o conceito central é o de drama, de textos que tratam de teoria literária.

Irineu Guerrini Júnior

Camaleão sonoro: algumas pontuações sobre a midiamorfose estética da radiofonia no contexto digital

Com os processos de socialização e implantação da internet iniciados nos anos de 1990 e de sua popularização na virada do século XXI, a radiofonia já se anunciava como o meio de comunicação que mais rápido e continuamente iria explorar a potencialidade e as possibilidades da rede mundial de computadores. Desde o período assinalado até o contexto contemporâneo, fortemente marcado pela convergência midiática (JENKINS, 2008) e conexão em rede, observamos um processo de intensa e contínua transformação da radiofonia tanto enquanto mídia, meio de comunicação e vinculação social, quanto em sua estética. Reconhecemos esta transformação como midiamorfose, um processo observado por Roger Fidler (1998) ao refletir sobre a evolução tecnológica dos meios de comunicação como um todo. Simultaneamente às previsões de encerramento das atividades pelos ingênuos de plantão, o rádio tem progressivamente se adaptado à lógica da internet reinventando seu processo de divulgação de programação ao vivo, seus mecanismos de interação com a audiência. Considerando este cenário de complexas adaptações e reinvenções, a presente comunicação pretende apresentar pontuações que suscitem possíveis entendimentos sobre a manutenção ou reinvenção da estética dos conteúdos veiculados pelas ondas hertzianas e rede, ou os postados em plataformas digitais para consumo via streaming ou download. Para alcançar o objetivo apresentado além da escuta atenta de programas e podcasts de emissoras jornalísticas e dos autores citados, e correremos as contribuições de Menezes (2016) sobre a Cultura do Ouvir e as nossas sobre a estética da linguagem radiofônica.

Julia Lucia de Oliveira Albano da Silva

Rádio universitário paulistano: história e expectativas

São Paulo é a maior cidade do país e também a que possui o maior número de Faculdades de Jornalismo. Dentro deste universo, a emissora de rádio universitária é uma realidade em muitos destes cursos, seja em ondas abertas ou via webrádio, possibilitando aos alunos experimentar na prática conceitos jornalísticos aprendidos e, ainda, propor novos formatos e programas. Mas, será que os estudantes entendem o potencial deste meio ou são ouvintes deste tipo de segmento? Qual a real ideia quanto a esta proposta pedagógica? Para responder estes questionamentos, fizemos uma enquete com o público universitário e, o resultado, pode ser um caminho de interlocução, de fato, entre emissores e receptores do rádio educativo.

Lenize Villaça Cardoso

A influência dos grupos de poder no nascimento do rádio brasileiro: uma perspectiva Giselista

Ortriwano (1985) relaciona o surgimento e o desenvolvimento do rádio no Brasil, na primeira metade do Século XX, a influência de grupos de poder que determinaram não somente os conteúdos transmitidos, mas também os rumos que o citado meio de comunicação tomou no período histórico seguinte. A partir deste referencial serão analisados quais foram e que papéis desempenharam tais grupos de poder perante a configuração do rádio brasileiro. A pesquisa bibliográfica adota como principal referência os estudos de Gisela Swetlana Ortriwano nessa seara. Constatou-se, por este método, que intelectuais, empresários e políticos formaram uma tríade que delineou o rádio em seus primeiros anos, projetando-o numa trajetória marcada na atualidade por seu majoritário controle e conformação comercial.

Lourival da Cruz Galvão Júnior

A Inesquecível: Rádio Nacional do Rio de Janeiro

A história da Rádio Nacional do Rio de Janeiro reúne uma trama de acontecimentos digna de telenovela de sucesso. As peculiaridades podem ser listadas desde o fato que a rádio foi encampada pelo governo Getúlio Vargas, na década de quarenta, passando pelas radionovelas (a primeira radionovela brasileira foi transmitida pela Rádio Nacional), programas de auditório e humorísticos de absoluto sucesso, findando em ter sido (e ainda é) pano de fundo de uma série de produções ficcionais televisivas, nas quais a Rádio Nacional é resgatada e retratada.

Um destaque curioso a ser feito é o fato ocorrido em Campo Grande, Mato Grosso (ainda não havia ocorrido a mudança territorial), por volta das 23h15 um avião da FAB tentava pousar no aeroporto, que estava às escuras. Após contato com a base no Rio de Janeiro, um dos oficiais que recebeu a mensagem entrou em contato com a Rádio Nacional que, imediatamente, solicitou o auxílio dos moradores da citada cidade para que fossem ao aeroporto iluminar a pista com os faróis de seus carros. Às 23h45 o avião conseguiu pousar graças aos ouvintes que ouviram o apelo feito pela rádio. Uma segunda menção sobre a história da Rádio Nacional foi ter feito parte da estratégia de lançamento do refrigerante Coca Cola no Brasil. Isso se deu com o programa Um Milhão de Melodias, que ficou 13 anos no ar. As histórias são muitas. A importância de contá-las é diretamente proporcional ao sucesso da emissora.

Luciane Ribeiro do Valle

Universidade 93,7

Em 2008, um grupo de alunos do curso de jornalismo - formado por Tadeu Breda, João Peres, Guilherme Balza e Tatiane Klein - solicitou ao então Chefe de Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, José Luiz Proença, e aos professores das disciplinas voltadas ao radiojornalismo, Luiz Fernando Santoro e Luciano Victor Barros Maluly, que marcassem uma reunião junto à Coordenadoria de Comunicação Social (atualmente Superintendência) da USP.

O objetivo era o de reivindicar um espaço na Rádio USP para a transmissão dos programas produzidos por universitários. A reunião aconteceu na CCS com o então coordenador, Wanderley Messias da Costa; o diretor da rádio na época, Celso dos Santos Filho; a coordenadora de programação da emissora, Silvana Pires; os representantes do CJE, entre outros presentes. A conversa foi rápida e produtiva, com a CCS atendendo, imediatamente, a solicitação.

Naquele momento, nascia o programa Universidade 93,7, que é transmitido pela Rádio USP, aos domingos, às 11 horas. O primeiro programa foi ao ar em 28 de setembro de 2008, devido às comemorações do Dia Nacional da Radiodifusão, data que homenageia o Pai do Rádio no Brasil, Edgard Roquette-Pinto (1884-1954). A edição já estava gravada e teve a participação especial de Milton Parron, jornalista das rádios USP e Bandeirantes. O título era Palavras Cruzadas e teve a produção dos alunos André Albert, Ana Paula Bezerra Severiano, Daniele Assalve, Henrique de Brito Garcia, Natália Favrin Ferri e Marcelo Augusto Spinel de Souza Cargano. São mais de quinhentos programas produzidos nesse período de

transmissões, sendo que o apoio operacional da emissora é fundamental ainda hoje, com destaque para as atuações de Dagoberto Alves e Aparecido Tavares, respectivamente, coordenador de operações e coordenador de locução e plástica da emissora.

Da mesma forma, a dedicação dos funcionários do CJE, como Ulisses Rodrigues de Paula, idealizador do site do programa; dos técnicos Roberto Samarão Guimarães, Alexandre Munhoz Vieira, Carlos Alberto Martins Netto (já aposentados), além dos atuais técnicos Djalma Ferreira de Moraes, Alexandre Gennari de Aguiar e Willian Mathias de Oliveira, tornou-se um diferencial para a produção do programa, justamente por facilitarem o trabalho dos alunos.

Os programas são gravados no velho Laboratório de Rádio João Walter Sampaio Smolka que, apesar das deficiências, ainda é um espaço de produção e convivência entre alunos, professores, funcionários e a comunidade externa. A proposta didática alia o conhecimento dos conceitos em radiojornalismo e o compromisso para com os ouvintes. Assim, são produzidos radiojornais, especiais, entrevistas, entre outros formatos.

Dentro desse ideal, foram produzidos programas variados, desde o dia a dia do Hospital das Clínicas até a atual situação das escolas no Brasil. Da mesma forma, diversos artistas se apresentaram no programa, como o músico e professor da USP, Ivan Vilela, e o grupo cover da cantora norte-americana Janis Joplin. Temas complexos também foram debatidos, desde o aborto até os controversos testes em animais. Diante da pesquisa, o Universidade 93,7 foi um dos objetos de análise

da tese de doutorado O futuro hoje: a formação em radiojornalismo na era da convergência de mídias, defendida por Lourival Galvão Júnior, também no PPGCom da ECA/USP, em 2014.

O programa conquistou o Troféu São Paulo – Capital Mundial da Gastronomia, como melhor Reportagem Difundida em Emissora de Rádio em duas oportunidades. Em 2017, os alunos Alexandre Amaral, Bianca Kirklewski, Carolina Pulice, Felipe Fabrini, Helena Mega e Larissa Lopes venceram com o Especial Gastronomia em São Paulo. Já no ano seguinte, a equipe formada por Fernanda Giacomassi, Letícia Fuentes, Mariana Mallet Pires, Nara Siqueira, Vinícius Bernardes e Vinícius Sayão conquistou o prêmio com a cobertura sobre o Festival de Inverno com Jazz e Fondue, que aconteceu no Bairro da Vila Madalena, em São Paulo.

A linha editorial aborda pautas do cotidiano voltadas ao interesse público e à cidadania, sempre com a intenção de defender os direitos humanos, especialmente a liberdade de expressão. Logo, o programa Universidade 93,7 da Rádio USP FM é uma conquista da Universidade de São Paulo, justamente por ser um espaço aberto, plural e democrático.

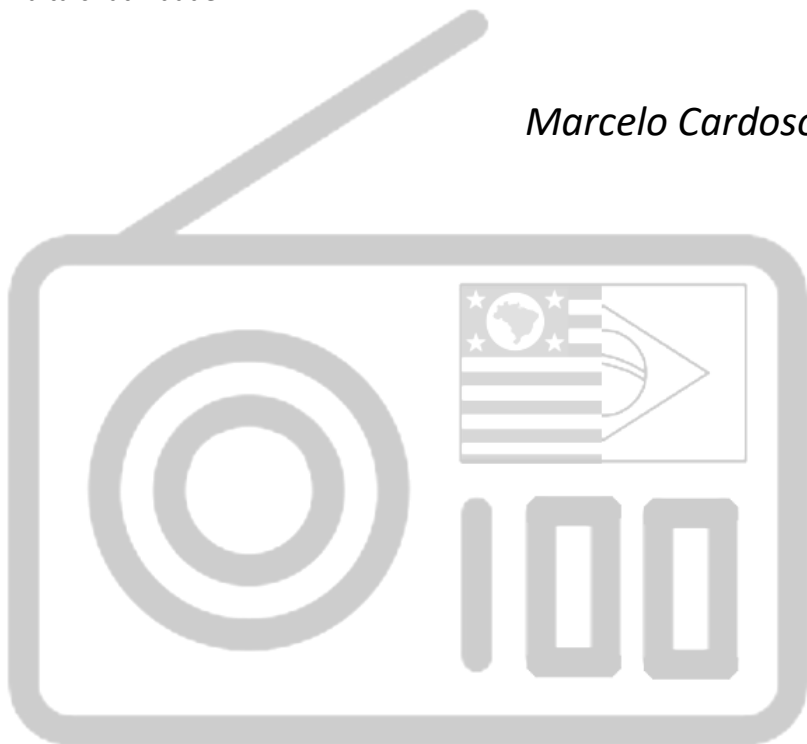
Luciano Victor Barros Maluly

Rádio, Locução e Automobilismo

No autêntico centenário do rádio brasileiro a intenção deste resumo é prestar homenagem ao rádio esportivo, mas, com perdão da arrogância, não será abordado o futebol, esporte de preferência de nove entre dez ouvintes. O lugar será para as quatro rodas, os motores, a velocidade e a locução. Simbolicamente se apresenta a figura do locutor Nicolau Tuma, conhecido por 'speaker metralhadora' - alusão ao verbo inglês que se traduz 'falar' - (na época não havia o termo "locutor"). Tuma conseguia pronunciar 250 palavras por minuto e também foi quem leu no ar a declaração inicial da Revolução Constitucionalista de 1932. No esporte o estilo realista de Tuma, quase uma fotografia verbal da cena que observava, gerou momentos polêmicos. Em 1936 ocorreu o Primeiro Grande Prêmio Cidade de São Paulo, uma corrida de automóveis disputada onde hoje está a Avenida Brasil, entre os Jardins América e Europa. A prova foi transmitida por emissoras de rádio das capitais paulista e fluminense. Sete mil pessoas estavam nas arquibancadas ao longo da avenida. Parte daquele público foi ver uma mulher que ousava disputar o espaço entre os homens: a francesa Hellé Nice. No fim da prova um gravíssimo acidente envolveu os carros de Hellé e do brasileiro Manoel Teffé o que resultou em seis espectadores mortos e 32 feridos, entre eles, a pilota francesa. A narração fiel do acidente foi realizada por Nicolau Tuma, mas chocou muitos ouvintes e gerou polêmica. Tuma afirmou, depois, que relatou ao microfone o que viu: braços de um lado, pernas de outro, sangue a jorrar dos feridos e mortos na sua frente. Era a escola realista, objetiva e sem a preocupação de utilizar figuras de linguagem durante a narração de

um fato pelo rádio. O estilo foi bem observado por Edileuza Soares em 'A bola no ar: O rádio esportivo em São Paulo' (1994). Nicolau Tuma marcou o rádio esportivo numa época de pouca tecnologia e muita criatividade.

Marcelo Cardoso



O Repórter Esso no jornalismo brasileiro e paulista

Transmitido em grande emissoras brasileiras de rádio entre 1941 e 1968, o Repórter Esso é considerado um marco histórico no jornalismo brasileiro não só por revolucionar a apresentação de notícias radiofônicas, mas por levar à adoção do lide nas redações de jornais na década de 1950. Antes do Esso, o radiojornalismo brasileiro se limitava a ler as notícias recortadas dos jornais, e os jornais usavam e abusavam do nariz de cera, o parágrafo introdutório que retarda a entrada na notícia.

Com informações enviadas em forma de pirâmide invertida pela agência de notícia americana United Press International, a síntese noticiosa conquistou credibilidade nacional com quatro edições diárias de cinco minutos de duração. O programa, patrocinado pela Standard Oil Company of Brazil, estreou em vários países latino-americanos para divulgar a posição dos EUA na Segunda Guerra Mundial e saiu do ar 27 anos depois quando a Esso do Brasil envolveu-se num escândalo de pagamento de propinas à políticos e jornalistas para combaterem a criação da Petrobrás.

O modelo informativo do Repórter Esso permaneceu como referência para emissoras no país todo, dando origem a noticiários curtos lidos por um único locutor, como o Correspondente Renner, no Rio Grande do Sul ou Repórter CBN, em São Paulo-Rio de Janeiro

Márcia Detoni

Narratividade Radiofônica e Performance Vocal

Em pleno período da ditadura civil-militar no Brasil, o narrador Osmar Santos e sua equipe de transformaram os programas radiofônicos e as transmissões de jogos de futebol em espaços de construção de uma narrativa que popularizou a reflexão sobre a necessidade de redemocratização do país. Até setembro de 1977, na Rádio Jovem Pan, e a partir de outubro de 1977, na Nacional-Globo de São Paulo (atual Rádio Globo SP), Osmar dizia, no ar, que o gol era "um grito que estava sufocado na garganta de um povo". A festa da conquista de um campeonato era motivo para destacar que "hoje a praça é do povo e a festa é do povo". Nos programas esportivos das rádios Globo e Excelsior, ambas do Sistema Globo de Rádio, Osmar trazia convidados que raramente eram 'visíveis' nos demais veículos de comunicação. Artistas e cantores críticos aos governos de então, tinham no Balancê (no horário do almoço, na Rádio Excelsior) e nas transmissões de futebol da Rádio Globo SP microfones abertos para um discurso pouco usual nos meios de comunicação de massa no final dos anos 1970 e início da década de 1980. O rejuvenescimento da linguagem das transmissões de esporte no rádio paulista também é uma contribuição marcante de Osmar e equipe. Analisaremos de que forma essas contribuições de Osmar Santos e equipe alteraram a lógica de recepção de programas e 'jornadas' esportivas no rádio. Descreveremos formatos e conteúdos que ressignificaram a linguagem e os afetos âmbito do rádio esportivo paulista, até então marcado por uma lógica discursiva solene e que tentava distanciar o futebol das outras esferas do debate sobre a realidade brasileira.

Marcos Júlio Sergi

Osmar Santos, novas linguagens e afetos: a contribuição do rádio esportivo de São Paulo na busca da democracia

Em pleno período da ditadura civil-militar no Brasil, o narrador Osmar Santos e sua equipe transformaram os programas radiofônicos e as transmissões de jogos de futebol em espaços de construção de uma narrativa que popularizou a reflexão sobre a necessidade de redemocratização do país. Até setembro de 1977, na Rádio Jovem Pan, e a partir de outubro de 1977, na Nacional-Globo de São Paulo (atual Rádio Globo SP), Osmar dizia, no ar, que o gol era "um grito que estava sufocado na garganta de um povo". A festa da conquista de um campeonato era motivo para destacar que "hoje a praça é do povo e a festa é do povo". Nos programas esportivos das rádios Globo e Excelsior, ambas do Sistema Globo de Rádio, Osmar trazia convidados que raramente eram 'visíveis' nos demais veículos de comunicação. Artistas e cantores críticos aos governos de então, tinham no Balancê (no horário do almoço, na Rádio Excelsior) e nas transmissões de futebol da Rádio Globo SP microfones abertos para um discurso pouco usual nos meios de comunicação de massa no final dos anos 1970 e início da década de 1980. O rejuvenescimento da linguagem das transmissões de esporte no rádio paulista também é uma contribuição marcante de Osmar e equipe. Analisaremos de que forma essas contribuições de Osmar Santos e equipe alteraram a lógica de recepção de programas e 'jornadas' esportivas no rádio. Descreveremos formatos e conteúdos que ressignificaram a linguagem e os afetos âmbito do rádio esportivo paulista, até então marcado por uma lógica discursiva solene e que tentava distanciar o futebol das outras esferas do debate sobre a realidade brasileira.

Marcus Aurélio de Carvalho

O Cinema no Rádio

Neste Centenário do Rádio, gostaria de apresentar uma questão pouco difundida quando se fala em história, que é sobre como o Rádio insere em sua linguagem a cinematografia, o Cinema em som.

Gostaria de estender uma rápida linha do tempo que passe pelos Programas "Cinema em Casa", nos anos 50 da Rádio Tupi, idealizado por Otávio Gabus Mendes, dirigido por ele e por Walter George Durst, depois da morte do primeiro. Gostaria de passar pelo programa "Chiaroscuro: música de cinema", da Rádio Cultura FM nos anos 90 e 2000, idealizado por Regina Porto e dirigido temporariamente por ela, por Julio de Paula algumas vezes, por Luís Fernando Ramos durante cerca de um ano e também por mim mesmo, Nivaldo Ferraz, de 1998 a 2005. Ainda falaria do estado da arte nessa relação do Rádio com o Cinema, em que hoje se pode ouvir o "Drops", com Marina Person pela Rádio Eldorado FM; e o "Cinema Falado", com Luciano Ramos, pela Rádio Cultura FM. Trechos gravados desses programas podem compor a apresentação, com mais facilidade de encontrar. Seja pela música, pelos ruídos dos filmes no Rádio, pela semelhança da dramaturgia desses dois meios, o rádio paulista tem seu protagonismo na convergência das linguagens entre o Rádio e o Cinema.

Nivaldo Ferraz

Certidão de Nascimento da Rádio Clube de Pernambuco

Pesquisa sobre a trajetória radiofônica brasileira, em reproduções sobre o surgimento do rádio no país que destacam que em 06 de abril de 1919, na cidade de Recife é fundada a Rádio Clube de Pernambuco, como a primeira da América Latina, e, portanto, do Brasil.



Ficção radiofônica esportiva e o storytelling de Estevam Sangirardi

O presente pós-doutorado almeja analisar como Estevam Sangirardi constrói em seu Show de Rádio (1969-1994) um rádio de autor que transita entre a ficção, o humor e o esporte radiofônicos. Com o mote posto em verso pelo jingle de abertura do Show de Rádio que afirma que “futebol não é só no gramado”, buscaremos demonstrar que Estevam Sangirardi e equipe desenvolvem uma narrativa em teia, com personagens e mundos possíveis, urdindo elementos performativos na tradição humorística do rádio brasileiro, na cena radiodramática paulistana, na comunicação esportiva e no futebol em si. Utilizando enquanto arcabouço metodológico a noção de performance na pragmática, na narratologia, na antropologia e na psicanálise, verificaremos como Estevam Sangirardi construiu um rádio de autor que coloca o futebol enquanto centralidade de uma urdidura ficcional que trabalha o real, o verossímil, o imaginado e o inventado sem distinções.

Com isso, temos em vista as seguintes propostas:

- (1) Ampliar a biografia de Estevam Sangirardi para mais do que trabalhador do rádio – tal como feito por Coraucci (2006) – mas na dimensão de autor radiofônico com articulação narrativa performativa dentro da pragmática da linguagem radiofônica;
- (2) Demarcar a narratologia de Show de Rádio a partir de materiais disponíveis nas rádios, nas bibliotecas

universitárias e em colecionadores, criando perfis dos personagens e dos mundos possíveis criados;

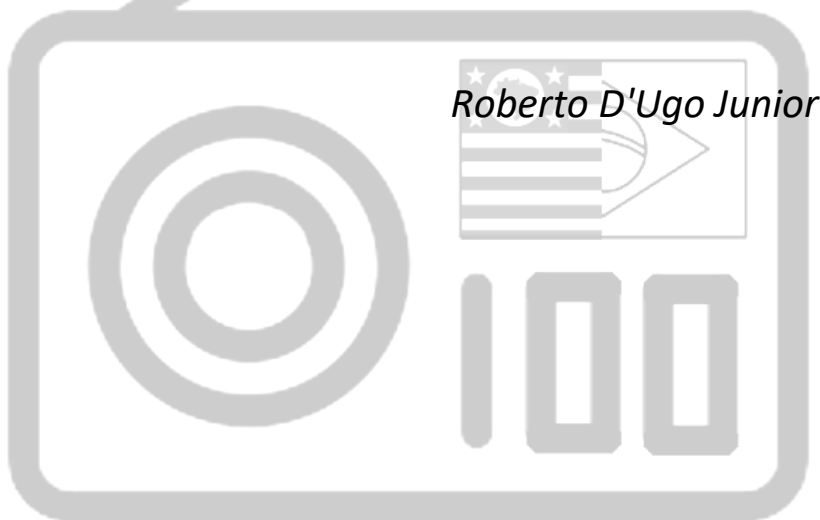
- (3) Vincular Estevam Sangirardi com a construção performática do futebol enquanto drama social, conforme conceito da antropologia da performance de Victor Turner (1987), e difundida por outros meios de comunicação social tal como as charges humorísticas do jornalismo esportivo;
- (4) Analisar a construção narrativa imaginária do futebol no Show de Rádio a partir de uma perspectiva psicanalítica lacaniana centrada no conceito “nuvem do imaginário”, influenciada pelas considerações sobre as noções de narrativa e autoria de Roland Barthes e da obra radiofônica de Rudolf Arnheim.

Rafael Duarte Oliveira Venancio

A Cultura da Radioarte: um recorte histórico e estético.

A primeira transmissão da ópera “Akhenaton”, de Philip Glass, no Brasil, representa um momento de destacada sofisticação e complexidade nas produções especiais que a Cultura FM de São Paulo dedicou às apresentações de óperas completas no final dos anos 1980. Nessa produção radiofônica assinada por Vera Lúcia Melo e Regina Porto (veiculada em jan. de 1988), somam-se às estratégias e práticas tradicionais da emissora (para contextualização histórica e artística da obra), a incorporação de elementos jornalísticos, filosóficos e dramáticos, além da busca de uma consonância estilística da apresentação e edição geral com a estética repetitiva e ritualística da música. A especificidade do evento radiofônico é aqui colocada à apreensão do ouvinte como criação original, verdadeira expressão artística da imagem radiofônica. A presente pesquisa objetiva identificar e descrever aspectos estéticos da produção radiofônica “Akhenaton”, além de evidenciar marcas da expressão artística presentes em sua linguagem, com a intenção de apresentá-la como possível referência para realizadores e ouvintes contemporâneos interessados em programas/podcasts com um nível mais complexo e desafiador de elaboração e experimentação sonora. Magia e técnica, ciência e arte, iconicidade e abstração, cegueira e sinestesia são algumas das ideias trabalhadas nesse estudo. Dentre os conceitos e autores aos quais recorreremos na articulação de nossa investigação, destacamos: as reflexões de Rudolf Arnheim sobre a especificidade e completude da arte radiofônica; a

abordagem fenomenológica e ritualística de R. Murray Schafer, em representação indireta da escola canadense de comunicação; reflexões sobre técnica e estética radiofônicas feitas por realizadores alemães, apresentados por Bernard Sperber; a valorização das dinâmicas simbólicas e a descoberta de uma ecologia da comunicação possível, em textos de Norval Baitello Jr., José Eugênio de O. Menezes e outros autores que podem ser vinculados à Cultura do Ouvir; e, por fim, a noção de Imagem Radiofônica, elaborada pela pesquisadora mexicana Lidia Camacho.



O rádio educativo: cem anos de experiências e experimentações que buscam alavancar a cidadania.

O rádio atua em três esferas: educação, entretenimento e informação. O meio atua de forma educativa não somente no sentido formal da educação, mas também informalmente promovendo a cidadania e a qualidade de vida para os ouvintes. Segundo o Ministério da Educação, a educação formal ocorre nos sistemas de ensino tradicionais; a não formal corresponde às iniciativas organizadas de aprendizagem que acontecem fora dos sistemas de ensino; já a informal e a incidental são aquelas que ocorrem ao longo da vida. O rádio está presente no cotidiano das pessoas e pode contribuir na educação de seus ouvintes. Segundo Kaplún, todo programa pode educar. Com a evolução tecnológica e a chegada da Internet, cresceram vertiginosamente as possibilidades de audibilidade onde os ouvintes consomem as produções quando, onde e como desejam. Pretendemos observar que o código sonoro é o mesmo, independente do rádio ser uma emissora com programação contínua ou em formato de podcast. Em nossa apresentação, buscaremos entender como o podcast e outros formatos educam e/ou podem educar nos dias atuais.

Sérgio Pinheiro da Silva

O automóvel no seu rádio

Pesquisa com jornalistas que representam 18 programas especializados, os quais são transmitidos em 61 emissoras de rádio ou podcasts. Baseado nas respostas obtidas, o artigo discorre sobre o foco editorial e a relevância que a mídia rádio tem nesse setor do jornalismo especializado. No passado, o automóvel aparecia no rádio principalmente pelas transmissões das corridas, mas também em testes de carros normais. Áudios da histórica vitória de Ayrton Senna no GP do Brasil de 1993 (Rádio Bandeirantes) e do teste de uma Ferrari no programa Jornal do Carro (Rádio Eldorado).

Sergio Robinson Quintanilha

A Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica e a articulação em rede de rádios populares

A Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica (ALER) é uma pioneira quando se trata de articular redes de rádios populares na região. Em seu surgimento, em 1972, diversas emissoras se associaram com o objetivo de promover a alfabetização de camponeses e indígenas nas áreas rurais da América Latina, por meio das escolas radiofônicas. Com o passar das décadas, esta instituição se consolida como uma rede de troca e produção de conhecimentos e notícias entre rádios populares, com a missão de “educar e comunicar a paixão pela vida e o compromisso com a felicidade dos povos latino-americanos”, como expresso em sua página web. Da educação por meio do rádio, a ALER passa por distintas fases, como a ideia dos meios de comunicação para transformação social, de meios comunitários, da mídia cidadã e identitária e, atualmente, na aposta da comunicação para o Bem Viver. Hoje, a Associação reúne mais de 80 rádios afiliadas e outras dezenas de emissoras colaboradoras e receptoras de conteúdo, que vão do México à Argentina. Com forte presença em países de língua espanhola -- além de emissões em quechua e aymara --, no Brasil, devido à distância idiomática, apenas uma emissora está associada formalmente à ALER, a Emissora de Educação Rural Santarém, a chamada Rádio Rural, no município de Santarém, no Pará. Dentro da Associação, essa rádio paraense se insere na Rede Panamazônica, que se articula com emissoras de Peru, Colômbia, Equador, Bolívia e Venezuela, com a finalidade de “reforçar e fortalecer os direitos culturais e a autoestima das populações autóctones para que se incorporem, dentro dos processos de desenvolvimento local, as diferentes culturas até agora excluídas, e assim alcançar incidência social”, como definido no site da ALER.

Vivian de Oliveira Neves Fernandes